

A situação político-militar

# AINDA E SEMPRE MELO ANTUNES

## A DESTABILIZAÇÃO CONTINUA

Fazendo um balanço aos acontecimentos, e mais do que aos acontecimentos, aos rumores da última semana, torna-se evidente o incremento da crise político-militar em que temos vivido.

O eco das tensões no seio do CR ultrapassou o segredo dos bastidores e dá a entender a existência da destabilização que algumas forças vêm a tentar criar.

O Brigadeiro Pires Veloso continua a ser o alvo preferido. Mas, decerto, não é o único. Chefe incontestado e respeitado da RMN, aceite pela população nortenha avessa aos destrambelhamentos oníricos da esquerda radical, Pires Veloso é um aliado apetecido, simultaneamente, um inimigo perigoso. Tais qualidades são evidenciadas pela "corrida" ao seu leito de hospital e pelos ataques, nem sempre velados, que lhes têm sido dirigidos. Há que fazer dele um aliado ou há que o neutralizar.

Foi evidente tentativa de neutralização procurar envolvê-lo nas actividades da famosa "rede bombista". Como o foi a "atmosfera de crise" gerada aquando do preenchimento das vagas do CR. Em ambos os casos Pires Veloso saiu incólume e com a sua posição reforçada.

Entretanto as manobras no escuro não cessam e começa a aperceber-se quem as dirige e qual o seu fim.

A eminência parda é, como o tem sido sempre, Melo Antunes. Apoiado no que lhe resta do Grupo dos Nove — do qual alguns membros, com ele, fazem parte do CR — e escudado pelos comunistas, que o apoiam agora como apoiaram Vasco Gonçalves, após a queda de Palma Carlos, Melo Antunes parece apostado no derrube do governo socialista, o que lhe permitiria, numa primeira fase, substituir Mário Soares e, em seguida, fazer cair Ramalho Eanes como se fez cair Spínola.

Para o conseguir, Melo Antunes sabe que necessita do apoio das regiões militares. Tenta a todo o transe a substituição dos comandantes das regiões militares e a de todos os oficiais que lhe não dão garantias.

A manobra é vasta mas está bem planeada. Se a estratégia é complicada a tática é clara e linear.

Tenta-se, de novo, a destruição das Forças Armadas. A sua ins-

tumentalização. Em última análise, a sua soviétização.

Tentou-se, uma vez, miná-las pelas bases. Foi a época delirante dos SUVs. Não deu certo. Tão louca foi a manobra e tão evidente o desejo de destruição das FA pela indisciplina anárquica, que se impôs pôr-lhe cobro.



Procura-se, agora, o controlo efectivo do exército, atacando-o pelas cúpulas. Melo Antunes tem homens da sua confiança no CR. Se os tiver também nos comandos das regiões militares e no seio das unidades, poderá calmamente assaltar o Poder.

Entretanto, é cada vez maior o número de oficiais conscientes dos erros do PREC e dos desmandos que, em nome dele, foram cometidos. Aspiram à reabilitação das FA, como aspiram a uma política séria, clarificada e liberta das já tradicionais golpadas. Tendo, muitos deles, apoiado a revolução de Abril, sabem agora que estes dois anos pouco têm a ver com o que tinham em mente. Sentem, em suma, que foram enganados.

Melo Antunes sabe, pelo seu lado, que estes homens não estão dispostos a deixarem-se enganar de novo e que jamais se associarão aos seus planos. Como sabe do respeito que dedicam e da vontade que sentem de seguir Ramalho Eanes.

Daí a ideia de neutralizar todos os quadros militares que não possam dar garantias de alinhar no futuro golpe.

Presentemente a imprensa tem dado relevo à injusta situação dos oficiais "saneados". Não restam

dúvidas que estes saneamentos, feitos logo após o 25 de Abril, são de índole estritamente política e foram condicionados pelos comunistas. Apesar disso, no CR, Melo Antunes e os seus correligionários opõem-se frontalmente à readmissão dos "saneados".

Por outro lado, os oficiais milicianos reivindicam a revisão da sua situação e a sua integração "de facto" no seio das FA. E, de resto, uma luta antiga, anterior ao 25 de Abril. Melo Antunes opõe-se também às aspirações, visto não confiar neles. Depois de o direito de reunião ter sido proclamado "uma das conquistas da revolução", os oficiais reunidos para estudo de problemas da classe (que não para abordar temas políticos) são cercados, identificados em barragens montadas nas estradas e, alguns deles, chamados a prestar declarações. Grande parte deles depois de se terem batido, anos a fio, no Ultramar, depois de terem dedicado o melhor das suas vidas ao serviço das armas, depois de, em inúmeros casos, terem dado provas de maior capacidade profissional do que muitos dos seus confrades do Quadro Permanente, correm o risco de virem a ser expulsos das FA por não terem 41 anos de idade ou 15 anos de serviço. Não interessa que futuro terão estes homens e as suas famílias. O que interessa é afastá-los do caminho antes que se possam tornar incómodos.

Assim, de uma só cajadada, várias centenas de oficiais serão eliminados e substituídos por "homens de confiança" que preencherão os lugares-chave.

Completando a manobra com a substituição dos comandantes das regiões militares, teremos umas FA meloantunistas que permitirão um fácil acesso ao Poder.

E evidente que este novo golpe ainda pode ser abortado. Ramalho Eanes goza de forte prestígio, tanto dentro das FA, como no seio da maioria do povo português.

Melo Antunes tem consigo escassas minorias que são facilmente referenciáveis. Urge desmontar a manobra e desmistificar os seus promotores.

Porque a alternativa será um terceiro-mundismo seródio cujos frutos já tivemos ocasião de "saborear" durante quinze dolorosos meses.

## a semana

A greve dos padeiros foi suspensa dia 20. Sem vitória — diz o Página Um; ficando tudo na mesma — diz subtilmente uma espécie de nota oficiosa do MAS.

Impante de glória, "O Diário" afirma:

«A decisão de suspender a greve, tomada por esmagadora maioria, fundamenta-se na consciência de que a manutenção desta forma de luta afectaria profundamente as massas trabalhadoras, obrigadas a privar-se de um alimento essencial e sujeitas à especulação do patronato.

Por outro lado, em face da tentativa patronal (avalizada pelo Governo) de retirar aos trabalhadores da panificação uma das maiores conquistas por eles alcançadas, o horário diurno, foi decidido, no plenário de ontem, abrir uma nova frente de luta, em defesa dos direitos adquiridos.

O regresso ao trabalho não constitui, assim, uma derrota para os padeiros, mas antes o início de uma acção organizada, no sentido da consolidação de uma conquista consagrada na lei desde Dezembro de 1975 e ainda não concretizada, na generalidade das padarias: o horário diurno (das seis horas da manhã em diante).»

Resumindo: às malvas as reivindicações que motivaram a greve; às malvas os oito dias de salários perdidos que ninguém vai pagar; às malvas a indignação injusta que recaiu sobre os operários, vigarizados pelos comunistas. Vai-se e abre uma nova frente de luta... Aonde? Ainda haverá alguém que acredite?

O livro "Acuso" de Henrique Cerqueira começou a fazer as suas vítimas: de director de "O DIA" demitiu-se o Prof. Dr. Vitorino Nemésio.

Não podemos deixar de lamentar o afastamento do ilustre catedrático jubilado que é, com mais dois ou três, dos poucos escritores-jornalistas que se podem ler em Portugal. Sem querer meter a foice em seara alheia, não podemos, porém, deixar de discordar da forma como pôs o problema da publicação em "O DIA" da notícia referente ao aparecimento do livro de Cerqueira.

Nemésio sai, no fundo, porque não considera Henrique Cerqueira uma pessoa digna de crédito — e porque acha dignissimo de crédito o Mário Soares. Se Nemésio for capaz de provar que Soares é digno de crédito, nós, que muito desconfiamos de Cerqueira, acreditaremos que este não é creditável. Assim, não podemos deixar de considerar as razões de Vitorino Nemésio como um pretexto para abandonar um jornal cuja independência (tantas vezes injustamente dirigida contra a RUA) se lhe estava a tornar perigosa e incómoda.

Satisfaz-se Manuel Alegre. Satisfaz-se Mário Soares. Satisfaz-se Alvaro Cunhal. Ficará Vitorino Nemésio satisfeito com ele próprio?

Pelo que se percebe, o SECS proibiu os jornais e emissoras estatizadas de se referirem ao

livro de Henrique Cerqueira "Acuso". Como diria o alegremente do Palácio Foz: — Viva a Liberdade de Imprensa!

Se Cerqueira é um aldrabão, para que é todo este esforço de silêncio? Se as acusações de Cerqueira são facilmente refutáveis — porque não se refutam? Se tudo aquilo não passa de um alfofre de mentiras — porque é que não se desfia a meada? Se o assassinio de Delgado é assim um caso tão simples e limpo — porque é que não se procede ao julgamento?

A Direita insiste desde o 25 de Abril pelo julgamento do caso Delgado. Porque não se procede ao julgamento?

Forças militares cercaram Vila-Franca do Rosário, cerca de Maфра, onde se realizava uma reunião de oficiais do Exército do Q.C. Ninguém foi preso. Segundo fontes fidedignas — diz "O Dia" — a operação teria sido ordenada pelo governador militar de Lisboa e destinava-se, segundo alguns observadores, a funcionar como mera tentativa de intimidação.

Quem destabiliza quem? Os "cadetes" (Vasco Lourenço, Otelo, Sousa e Castro, Vitor Alves, Melo Antunes, etc.) são filhos; os milicianos são enteado. Todos são iguais; só que uns são mais iguais que outros. Todos se bateram em África; todos fizeram o 25 de Abril; alguns inseriram-se no PREC. Só estes são mais iguais que os outros.

Foi preso, por vinte dias, e por ter falado de mais, o maj. Otelo Saraiva de Carvalho. Cumpre-se, deste modo, o R.D.M. Ganha-se alguma coisa com isso, para além de provocar um ou outro ajustamento ululante de gdupe-sinhos furibundos?

O que é necessário é julgar Otelo Saraiva de Carvalho por quantos crimes cometeu, abusando do poder e da autoridade, enquanto comandou o famigerado COPCON. O que é necessário é pedir-lhe responsabilidades pelas milhentas traquibérias cometidas enquanto mandou. O que é necessário é libertar as Forças Armadas do peso macaco dum palhaço que até agora só serviu para as deslustrar. O que é necessário é separar do convívio das pessoas decentes um sujeito publicamente indecente.

Informa A Luta do dia 21 passado:

Meio milhão de contos de cortiça desviado do controlo legal do IRA. Estas graves irregularidades foram cometidas — continua a folha do Rego — por elementos dos sindicatos agrícolas afectos ao PC.

Além de comunistas são ladrões... como se não bastasse...

Não se dirá (evidentemente) que todos os comunistas são ladrões; e que todos os ladrões são comunistas. Agora que entre os comunistas — segundo A Luta — há muitos ladrões — lá isso há.

E condenaram eles o Valadão!...

## FUNCIONALISMO DESCONTENTE NO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

A inacção do ministro Lopes Cardoso a propósito dos seus problemas — referimos na semana passada — faz que funcionários do MAP se mostrem dispostos a promover um plenário nacional para debate do caso. Essa disposição inquieta de tal modo as cúpulas do Ministério que estaria a ser preparado o envio, às diversas regiões do país, de elementos incumbidos de esclarecerem o pessoal. Isto por causa de uma já longa história, cujos passos principais apontamos.

Por despacho de 30 de Dezembro de 1975, reportando-se aos "diversos problemas que afectam as situações e as carreiras nos vários organismos" do departamento, "e que justificadamente, têm sido levantados pelas respectivas comissões de trabalhadores e delegados sindicais", o Eng.º Lopes Cardoso determinou a criação de um Grupo de Trabalho do Pessoal, incumbido de "estudar, enquanto não for criado o Serviço de Gestão do Pessoal, os problemas que lhe forem postos e respeitarem ao pessoal do Ministério". Outro despacho, do dia seguinte (31/12/75), criou uma Comis-

são de Promoção e Reclasseificação, invocando "a existência de numerosas vagas nos quadros de diversos organismos (...), em consequência de se terem protelado as decisões para o respectivo preenchimento e a que não foram estranhas algumas arbitrariedades cometidas no passado, quanto a critérios e processos de promoção".

Tanto o Grupo de Trabalho quanto a Comissão entravam "imediatamente em funções" — mas, até agora, nenhuns resultados se viram. Por despacho de 1 de Julho último, Lopes Cardoso considerou justa "a integração dos critérios propostos pelos delegados sindicais dos vários organismos do MAP na elaboração das listas" do pessoal, determinando que o Grupo de Trabalho tivesse em conta "uma alternativa considerando" esses critérios. Os quais, segundo consta do citado despacho e da proposta a que se refere, eram as "habilitações literárias actuais" e a "antiguidade no Estado", definindo ainda uma reorganização de carreiras no departamento e uma

redução substancial da "distribuição piramidal que apresentavam". A proposta visava exclusivamente "a reparação de situações de injustiça, pelo que obrigatoriamente não se introduziram quaisquer medidas de carácter reclassificativo ou reestruturações profundas" (n.º 6), implicando um acréscimo de despesa anual "da ordem dos 86 700 contos, incluindo o 13.º mês e subsídio de férias", embora com ressalva de rectificação por o cálculo apenas se referir "a cerca de 90% dos funcionários" (n.º 7).

Não vamos, agora, apreciar os fundamentos da atitude do funcionalismo do MAP — verificamos tão-só a situação objectiva de uma expectativa legítima que o ministro e seus colaboradores estão a fraudar. Vão decorridos dez meses que Lopes Cardoso despachou como se viu, e quatro que recebeu como justa a integração dos critérios propostos pelo pessoal — mas, de resultados, zero! Tratar-se-á apenas de mais uma demonstração de que, em se passando da demagogia, o Governo do PS não consegue dar uma para a caixa?...